



ARISTÓTELES E SUA ESCOLA PARA AS VIRTUDES: EDUCAÇÃO, TOLERÂNCIA E REPRESENTAÇÃO DA ÉTICA ARISTOTÉLICA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE SUPERAVENTURA

ARISTOTLE AND HIS SCHOOL FOR VIRTUES: EDUCATION, TOLERANCE AND REPRESENTATION OF ARISTOTLELIC ETHICS IN SUPERADVENTURE COMICS

GELSON VANDERLEI WESCHENFELDER

Realiza atualmente estágio pós-Doutoral no PPG de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Doutor e Mestre em Educação (UNILASALLE) e Graduado em Filosofia (UNISINOS).

RESUMO

É possível a virtude ser ensinada? Para o filósofo grego Aristóteles, a resposta é sim. Segundo o estagirita, aprendemos a agir corretamente por uma boa educação, tendo modelos virtuosos a seguir. Tal dimensão encontramos nas histórias em quadrinhos dos super-heróis X-men. Nos enredos de X-men há uma empatia e um sentimento de identificação, pois os personagens adolescentes mutantes são, à primeira vista, repugnantes aos olhos dos humanos normais, que os temem e os odeiam, tratando-os como “animais”. Os mutantes, por sua vez, ao contrário dos humanos normais, não odeiam nem discriminam. Surpreendentemente, eles lutam para defender os humanos, pois assim estariam, na perspectiva da ética de Aristóteles, defendendo a causa mais nobre, que é condição para o bem individual de cada humano e de cada mutante: o bem comum! Além disso, os X-Men fazem com que o público se depare com questões extremamente atuais do convívio humano ao colocarem a questão da diferença e da multiplicidade de modos de ser e de viver.

Palavras-chave: Aristóteles; Ética; Super-heróis e Superaventuras.

ABSTRACT

Is it possible for virtue to be taught? For the Greek philosopher Aristotle, the answer is yes. According to the spopite, we learn to act correctly for a good education, having virtuous models to follow. Such a dimension we find in the comic books of the superheroes X-men. In the plots of X-men there is empathy and a sense of identification, because the mutant teenage characters are, at first glance, repugnant in the eyes of normal humans, who fear and hate them, treating them like “animals”. Mutants, on the other hand, unlike normal humans, do not hate or discriminate. Surprisingly, they struggle to defend humans, for they would thus be, from the perspective of Aristotle's ethics, defending the noblest cause, which is a condition for the individual good of every human and every mutant: the common good! In addition, the X-Men cause the public to face extremely current issues of human coexistence by assing the question of difference and the multiplicity of ways of being and living.

Keywords: Aristotle; ethics; superheroes and superadventure.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 TOLERÂNCIA, A CHAVE PARA A CONVIVÊNCIA PACÍFICA; 2 A NECESSIDADE DE UM EXEMPLO VIRTUOSO; 3 EDUCANDO PARA O BEM; CONSIDERAÇÕES FINAIS: EDUCANDO PARA O BEM; REFERÊNCIAS.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No início da década de 1960, a Marvel Comics já havia revolucionado o modo de apresentar o gênero de superaventura nos quadrinhos; super-heróis como Homem-Aranha e Hulk estavam entre as HQ's mais vendidas no mercado. A famosa dupla, conhecida por criar diversos personagens de superaventura, Stan Lee e Jack Kirby, transformou o universo Comics em 1963, criando super-heróis que já nasciam com superpoderes, devido a mutações genéticas. X-men é o melhor exemplo desse tipo de super-heróis.

A tese central que sustenta esses super-heróis é a de que a mutação é a chave da nossa evolução. Ela nos permitiu evoluir a partir de um organismo celular até a espécie dominante do planeta, num processo lento que costuma levar milhares e milhares de anos. Mas a cada poucas centenas de milênios, a evolução dá um salto.

A história da trama dos X-men é a seguinte: existem humanos em várias partes do mundo que nasceram com modificações genéticas. Humanos que, como resultado de um súbito salto evolucionário, nasceram com habilidades super-humanas latentes. Há seres que podem manipular o clima, o fogo; e outros, o gelo; há também os que podem atravessar paredes ou voar; e existem ainda uns que podem manipular as mentes de outros seres humanos. Várias deles com aparências atípicas, alguns similares a animais e outros a anjos com asas; e, em contradição com os últimos, há também seres com aparência demoníaca.

Tais mutações resultam da evolução provocada pelo “fator X” que está no código genético destes seres humanos modificados. Em linguagem científica esse seria o novo degrau da evolução humana, a evolução de *homo sapiens* a *homo superior* (Reblin, 2008, p. 83). Logo, por se tratar de seres diferentes a qualquer cidadão comum, muitos os consideram uma ameaça à própria sociedade humana. Devido às capacidades incomuns, tais mutantes causam medo e insegurança nos seres humanos não evoluídos.

Seres humanos diferentes foram obrigados a aprender a conviver (ou não), o que conduz à questão da alteridade. [...] A reflexão acerca do outro, sempre ocorre no encontro com o outro diferente e, nesse encontro, a alteridade sempre oscilava entre uma visão depreciativa e uma visão ingênua acerca do outro diferente. [...] Mas ambas as visões desconsideravam o outro como ser humano (Reblin, 2008, p. 83-84).



1 TOLERÂNCIA, A CHAVE PARA A CONVIVÊNCIA PACÍFICA

Os X-Men foram fundados por Charles Francis Xavier, o Professor X, um homem milionário e que é, secretamente, um dos maiores telepatas da Terra. Para defender seu sonho de “convivência pacífica entre humanos e mutantes”, uma harmonia interracial, Charles Xavier funda uma escola, o Instituto Xavier para Jovens Superdotados, para acolher e treinar estes mutantes a usar seus dons especiais, a serviço do bem maior da humanidade.

Desse modo, o Professor X pretendia convencer as duas comunidades, a dos humanos e a dos mutantes, a conviverem em harmonia (Irwin, 2005, p. 84). Seus primeiros alunos foram Jean Grey, também conhecida como Garota Marvel, telepata; Henry 'Hank' McCoy, o Fera, com cérebro e músculos superiores; Robert 'Bobby' Drake, que transforma a umidade ambiente em gelo, por isso o chamam de “Homem de Gelo”; Scott Summers, o Ciclope, que lança raios laser de seus olhos; e Warren Worthington III, o conhecido Anjo, por ser alado e poder voar (Knowles, 2008, p. 195).

Mais tarde entraram para o time, a partir da década de 1970, Piotr Nikolaievitch Rasputin, um jovem agricultor da antiga União Soviética, de codinome Colossus; Kurt Wagner que escondia sua mutação como artista de circo na Alemanha, conhecido como Noturno, mutante que poderia se teleportar; Shiro Yashida, um arrogante japonês, conhecido como Solaris e que tem o poder de ionizar a matéria gerando calor de até um milhão de graus Fahrenheit; Sean Cassidy, um irlandês ex-agente da Interpol, de codinome Banshee; Ororo Monroe, uma mutante do Quênia venerada como deusa, que dominava o clima e por isso a chamam de Tempestade; e o herói que já havia aparecido nas histórias do Hulk, Logan / James Howlett, do Canadá, que se tornaria o personagem mutante mais famoso de todos os tempos, o conhecido Wolverine, que tem como poder além do fator de cura, sentidos superaguçados e possui garras retráteis que saem de suas mãos. E assim se deu o início do sonho do Professor X.

Há outros mutantes que não acreditam na aspiração de Charles Xavier. Ao contrário, consideram que o convívio pacífico entre os diferentes é impossível. O personagem (vilão) Magneto admite que “a humanidade sempre temeu o que ela não compreende” (Singer, 2000) e cansados de sofrerem discriminação, eles, seres superiores, também passariam a discriminar os ‘humanos’. Magneto e seus seguidores julgam os seres humanos como uma raça do passado, e que o futuro



pertence à raça mutante, que deve subjugar a inferior raça humana, a raça que não conseguiu evoluir. O evolucionista Charles Darwin, em seu livro intitulado “A Origem das Espécies” (1859), advoga que os indivíduos em todos os lugares estão envolvidos em uma guerra pela sobrevivência; esta guerra não estará determinada por algo divino, mas, sim, pela própria natureza.

Para Darwin (2004), na natureza vigora a lei do mais apto. Aqueles que possuem características que propiciam sua sobrevivência e novas gerações da espécie tem uma vantagem adaptativa; estes, segundo ele, são aptos a sobreviver diante de seus concorrentes no jogo da vida (Irwin, 2009, p. 127). Bom, segundo Darwin (2004), a luta de Magneto e seus seguidores contra a raça humana ‘normal’ é uma guerra natural e os mutantes devem subjugar os humanos, pois estes não evoluíram, não se adaptaram, segundo as leis evolucionistas. Darwin concordaria com a afirmação de Magneto (e vice-versa) ao dizer que os mutantes “são deuses entre insetos” (Singer, 2003).

Se na perspectiva de Darwin (2004) a ação do vilão Magneto de subjugar a raça humana seria justificável, por que Xavier e seus pupilos, os X-men, mutantes igualmente a Magneto, raça superior, dominantes da natureza perante ao evolucionismo, assumem a tarefa de viver em constante batalha para defender o mundo dos humanos que os teme e odeia?

Aristóteles, em sua obra intitulada “A Política”, tenta compreender a essência de agrupamentos de pessoas, questionando o que é uma cidade. Para ele, a cidade seria uma parceria entre seus cidadãos para viver bem (Aristóteles, 2009, *passim*), ou seja, pessoas se associam e trabalham juntas para viver em harmonia e, assim, buscar o bem.

O sonho de Charles Xavier é ver seres mutantes e humanos convivendo pacificamente, assim como Aristóteles (2009) citou na obra acima, unindo-se para um convívio em concórdia. Para os X-men, o segredo para a convivência pacífica entre os mutantes e os seres humanos é o exercício da tolerância, ideia pela qual os X-men lutam e defendem. E a educação (é a partir dela, no caso), segundo Reblin (2008), um dos caminhos para este exercício, um constante aprender a viver (*ibid.*, p. 88); por isso Charles Xavier cria o Instituto Xavier para jovens superdotados.

Os X-men são preparados para entender e controlar seus poderes, defender a humanidade dos ataques de outros mutantes; são preparados para defender aqueles que tanto os temem e os odeiam. A escola de Charles Xavier segue os padrões de educação de Aristóteles, onde



para que alguém possa se tornar um indivíduo bom que haja educação e treinamento apropriados; e que se passe em seguida a viver segundo hábitos virtuosos e nada fazer de vil seja voluntária ou involuntariamente, então isso será assegurado se as vidas humanas forem reguladas por uma certa inteligência e um sistema correto investido do poder de aplicar sanções adequadas (Aristóteles, 2007, X, 1180 a, 14-18).

2 A NECESSIDADE DE UM EXEMPLO VIRTUOSO

Aprende-se seguindo bons exemplos, isto é, também fazendo aquilo que pessoas que admiramos, devido às ações virtuosas, fazem. E então Charles Xavier é um ótimo professor porque serve de bom exemplo a seus pupilos, como uma realização daquilo que Aristóteles falou com relação aos exemplos de caráter e virtude ou aos modelos a serem seguidos (*ibid.*, VI, 1140 a, 25-28). O Professor X aspira o ‘bem’ e sabe que com seu poder de mutante poderia facilmente fazer valer sua própria vontade, reprimindo os humanos. Mas no uso de sua capacidade de refletir ele entende que isso é eticamente incorreto, e aconselha seus alunos a segui-lo.

Xavier poderia tranquilamente fazer as pessoas mudarem de ideia de conviver em harmonia com os mutantes, já que é o maior telepata da Terra. Mas tal atitude seria uma má-fé ou “uma mentira contada a si mesmo em uma unidade de uma única consciência” (Sartre, 2005, p. 547). No terceiro filme da franquia, *X-men: O confronto final*, Charles Xavier fala a seus alunos sobre o uso do poder.

Quando um indivíduo consegue muito poder, o bem ou o mau uso desse poder é tudo. Será para o bem geral? Ou será usado para fins pessoais ou de destruição? Essa é uma ótima pergunta que devemos nos fazer. Por quê? Porque somos mutantes. Para os mutantes isso é um problema em especial. Quando é aceitável usar nosso poder e quando cruzarmos a linha que nos faz tiranos dos outros homens? (Ratner, 2006).

Talvez com o significativo reparo de que a universalidade da ética agora se aplique a todos os seres, humanos ou mutantes, não somente aos cidadãos da Pólis, pode-se continuar com a referência a Aristóteles e interpretar a resposta do Professor X; a esperta Kitty Pride, a super-heroína Lince Negra, quando argumenta que Einstein afirmou que a ética é uma questão humana e que, portanto, não tem nada de sobre-humano por trás. Discordando de Albert Einstein (1879-1955), Xavier responde sarcasticamente “Einstein não era um mutante... pelo que sabemos”



(Ratner, 2006). Mesmo que, com base na Teoria de Darwin, se possa afirmar a superioridade dos mutantes por questões evolutivas ou por questões morais, Charles Xavier pretende mostrar que há uma igualdade entre humanos e mutantes e que a única diferença é um gene diferente, em seu código genético. Ambos são humanos. O sonho de Xavier está expresso também na Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Artigo I - Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

Artigo II - Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

O sonho de Charles Xavier é viver em um mundo sem discriminação, onde mutantes e humanos vivam bem, em uma sociedade que enfatize relacionamentos saudáveis e respeito às diferenças em todos os âmbitos da vida. Mas nem todos os mutantes entendem isso, conforme se constata nas HQ's dos X-men e também no primeiro filme da franquia, *X-men: O filme*, quando a mutante Tempestade, discípula e aluna de Xavier, tenta convencer Wolverine a ficar e lutar ao lado deles. “Lutar com vocês? Entrar para o time? Ser um X-men?”, reage Logan, “que diabos pensa que é? Você é um mutante. O mundo está cheio de gente que te odeia e tem medo de você. E estão perdendo tempo tentando protegê-las. Tenho coisa melhor para fazer” (Singer, 2000).

Wolverine está apegado à sua máxima ‘sou o melhor naquilo que faço, mas o que faço melhor nem sempre é muito legal’, e acredita que não é um humano, mas um animal. Verdadeiramente muitos usaram esta animalidade do mutante Logan para benefícios próprios. Ele já foi usado em experiências com mutantes chamadas de “arma X”, revestindo seu esqueleto com *adamantium*, um metal indestrutível. Trabalhou para o governo canadense, como agente secreto, e também como espião em outras organizações. Mas o que todos queriam era ver a animalidade de Wolverine em ação. Após muitos anos, Logan procura a paz interior e se vê diante de um mosteiro no Japão, onde um monge o aconselha dizendo que a paz vem com um propósito, e seu propósito não é ferir pessoas, mas salvá-las e protegê-las. “Como muitos, talvez você se veja pior do que os outros o veem. Tente se olhar com outros olhos” (Marvel, 2003). Confiando nos ensinamentos do monge, Logan retorna aos X-men.



CONSIDERAÇÕES FINAIS: EDUCANDO PARA O BEM

Os X-men, orientados por Charles Xavier, procuram trabalhar com a humanidade para juntos descobrir meios pacíficos de coexistência (Irwin, 2009, p. 141), e fazem dessa busca o seu dever moral: a busca do bem da sociedade, o bem de todos, com a convivência harmoniosa entre os seres com poderes extraordinários e os seres normais.

O bem humano tem que ser a finalidade da ciência política, pois ainda que seja o caso de o bem ser idêntico para o indivíduo e para o Estado, o bem do estado é visivelmente um bem maior e mais perfeito, tanto para ser alcançado como para ser preservado. [...] Assegurar o bem de uma nação ou de um Estado é uma realização mais nobre e mais divina (Aristóteles, 2007, 1094 b, 7-10).

A questão que fica é por que os X-men devem se importar com os humanos se estes os rejeitam e os discriminam? Aristotelicamente se responderia: por que é certo. A opção dos X-men em seguir o que é certo baseia-se na sua convicção de que essa forma de conduta é melhor para garantir a tolerância e a aceitação dos outros, seu compromisso com o bem resultaria de um cálculo estratégico quanto à política mais útil para garantir o fim desejado (Irwin, 2005, p. 164-165).

Mas os seres humanos não reagem bem aos atos dos super-heróis X-men; seus atos tornam-se infrutíferos. Mas mesmo que os X-men desejem e esperem ser aceitos na sociedade, o seu compromisso com o “bem” não parece se basear na expectativa de que isso ocorra. A motivação ética nas atitudes heróicas dos X-men poderia estar em sua mutação genética: além de adquirir poderes, poderiam ter adquirido uma moralidade grandiosa e uma aspiração para fazer o bem.

Segundo Irwin (2005), esta sugestão não é válida, pois assim não teríamos no enredo das histórias dos X-men os vilões mutantes, pois estes também, em conjunto com suas modificações genéticas, teriam adquirido tal aspiração e precisariam da intervenção do Professor X (*ibid.*, p. 165). Mas voltando a Aristóteles, pode-se afirmar mais uma vez que só conseguimos tais virtudes, quando buscamos o ‘bem’, através de um caráter, que, por sua vez, só se adquire através de uma educação correta.

Temos, portanto, assegurar que o caráter tenha, desde o início, uma finalidade natural com a virtude, amando o que é nobre e abominando o que é vil. E é difícil



obter uma educação correta na virtude a partir da juventude sem ser educado segundo leis corretas, pois viver de maneira moderada e árdua não é agradável à maioria dos homens, particularmente quando são jovens. [...] Mas não há dúvida de que não basta que as pessoas tenham a correta nutrição e a correta disciplina na juventude; é necessário, também, que pratiquem as lições aprendidas e as ratifiquem através do hábito quando crescerem (Aristóteles, 2007, X, 1179 b1, 30-35; 1180 a1, 1-5).

Amar o bem é uma escolha virtuosa de alguém com caráter, segundo Aristóteles. E o professor Xavier reflete isso em sua forma de educar. Em sua escola, os seres rejeitados e mal-compreendidos na sociedade, os mutantes, tem um local onde são aceitos e amados e ambos querem se tornar igualmente àquele que lhes dedicou ajuda (Irwin, op. cit., p. 167). Isso é muito bem retratado no primeiro filme da franquia, onde Charles Xavier apresenta a escola a Wolverine: “eu os prometi, os ensinei a controlarem seus poderes, e com o tempo, a ensinar outros também” (Singer, 2000).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **A Política**. 2ª edição. Tradução: Nestor Silveira Chaves. Bauru, SP: Edipro, 2009.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 2ª edição. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2007.
- CRISP, R. A grandeza de alma segundo Aristóteles. *In*: KRAUT, Richard. **Aristóteles: A Ética a Nicômaco**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 151-168.
- DARWIN, Charles, **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acessado em: 28 de Junho de 2001.
- HOOD, Gavin. **X-men Origens: Wolverine**. Direção: Gavin Hood. 20th Century Fox Film Corporation, 2009.1 DVD (107 min.), color.
- IRWIN, Willian (org.). **Super – Heróis e a Filosofia: Verdade, justiça e o caminho socrático**. Tradução: Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2005.
- IRWIN, William (org.). **X-men e a filosofia: Visão surpreendentes e argumento fabuloso no X-universo mutante**. Tradução: Marcos Malvezzi. São Paulo: Ed. Madras, 2009.



KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses são Super-Heróis**. Tradução: Marcello Borges. São Paulo: Cultrix, 2008.

MARVEL. **X-men – A lenda de Wolverine: X-men serie**. (*X-men: The animated series*). Buena Vista Home Entertainment, Inc, 2003. 1 DVD (79 min.), color.

RATNER, Brett. **X-men: O confronto final** (*X-men: The last stand*). Direção: Brett Ratner. 20th Century Fox Film Corporation, 2006. 1 DVD (104 min.), color.

REBLIN, Iuri A. **Para o alto e avante: Uma análise do universo criativo dos super-heróis**. Porto alegre, RS: Asterisco, 2008.

SATRE, Jean Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis,RJ: Vozes, 2005.

SINGER, Bryan. **X – Men: O Filme**. Direção: Bryan Singer. 20th Century Fox Film Corporation, 2000. 1 DVD (104 min.), color.

SINGER, Bryan. **X – Men 2**. Direção: Bryan Singer. 20th Century Fox Film Corporation, 2003. 1 DVD (133 min.), color.

Recebido em: 22/07/2024 / Aprovado em: 24/07/2024